

ECOLOGIA HUMANA EM BABEL

Flávio Schmitt*

Resumo

A história da Torre de Babel é uma das histórias mais conhecidas do Antigo Testamento. Nas diferentes tradições religiosas, em especial na judaica e cristã, a história da confusão de línguas tem o seu lugar. Portanto, não há cristão ou judeu que não conheça esta história. Porém, a história narrada em Gênesis 11,1-9 não chama atenção somente por ser conhecida no universo religioso ou mesmo fora dele. O que mais impressiona é a maneira como o texto do livro de Gênesis é lido e interpretado. Na leitura e interpretação tem havido uma perspectiva hegemônica ao longo de praticamente toda história cristã. Nesta visão, a narrativa é fundamentalmente expressão de castigo. O presente estudo tem o objetivo de investigar a origem da leitura e a interpretação hegemônica de Gênesis 11,1-9. Através de uma revisão bibliográfica e do estudo exegético, propõe alternativas de interpretação da passagem. Além disso, resgata elementos do texto que subsidiam a discussão da ecologia humana hoje.

Palavras-chave: *Babel. Gênesis 11,1-9. Antigo Testamento. Ecologia humana.*

Abstract

The story of the Tower of Babel is one of the best-known stories of the Old Testament. In various religious traditions, especially in the Jewish and Christian ones, the story of the confusion of tongues has its place. Therefore, there is not a Christian or a Jew who does not know this story. However, the story in Genesis 11,1-9 draws attention not only because it is known in the religious universe or even outside it. The most impressive fact is the way the text of Genesis is read and interpreted. In the reading and interpretation there has been a hegemonic perspective along the entire Christian history. In this perspective, the narrative is fundamentally an expression of

* Flávio Schmitt é doutor em Ciências da Religião pela UMESP, professor da Faculdades EST em São Leopoldo, RS.

punishment. The present study aims to investigate the origin of the hegemonic reading and interpretation of Genesis 11,1-9. Through a literature review and an exegetical study, it proposes interpretation alternatives to the text passage. Moreover, it rescues textual elements that support the discussion on human ecology today.

Keywords: *Babel. Genesis 11,1-9. Old Testament. Human ecology.*

Introdução

Para a grande maioria dos leitores e ouvintes de hoje, falar em Gênesis 11 é falar na história da Torre de Babel. Falar na história da Torre de Babel é falar da confusão de línguas. Ou melhor, falar do dia em que Deus, para castigar a humanidade por causa do pecado de megalomania, resolveu criar uma grande confusão e confundiu as línguas.

A interpretação corrente desta passagem do livro de Gênesis se impôs no mundo cristão e vem sendo repetida de geração em geração. Basta uma olhada em versões parafraseadas da Bíblia ou mesmo em livros que contam as histórias bíblicas de forma romaneada, para perceber a solidez desta interpretação¹.

O tema do capítulo 11 de Gênesis, diferente do tema tratado no capítulo 10, não é a dispersão dos povos. A passagem também não está interessada em tematizar a divisão da humanidade em línguas e povos. O texto trata de um recurso usado por Javé para anular a eficácia de um projeto megalomaniaco realizado e impedir que outros projetos desta natureza venham a existir².

Segundo Croatto, Gênesis 11,1-9 é um contramito. “[...] el mito bíblico de la fundación de Babilonia, en el que los significantes y los valores de su equivalente mesopotamio son invertidos intencionalmente”³.

De acordo com o mito original, a Babilônia é construída pelos deuses mandados por Marduc. Nesta narrativa, é o próprio Marduc quem dá o nome à cidade. De acordo com esta tradição, Babilônia significa a “porta dos deuses”. A cidade é tão importante que no mito babilônico ela está lá nas origens, apesar de somente ter alcançado importância política a partir do segundo milênio antes de Cristo. Porém, seu prestígio é tamanho que sua origem e nomeação estão ligadas a cosmogonia e a Marduc⁴.

1. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Para a vida*: livro da Doutrina para as Comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 36s.

2. CROATTO, José Severino. *Exilio y sobrevivencia*: tradiciones contraculturales en el Pentateuco, comentario de Génesis 4:1-12:9, 1997, p. 387.

3. CROATTO, 1997, p. 382.

4. CROATTO, 1997, p. 382.

Diferente é a narrativa do Gênesis. Nesta passagem são os humanos que constroem Babel. A iniciativa é dos primeiros humanos. Porém, quem dá o nome para a cidade é Javé. Nesse sentido, o relato revela toda sua ironia. Aos olhos de quem conta a história, a “porta dos deuses” nada mais é que pura “mistura/confusão”.

É a partir deste contexto, de uma afirmação contra-hegemônica, que o presente estudo pretende falar de ecologia humana⁵. Embora a palavra ecologia humana tenha sua origem em conceitos oriundos da ecologia, uma área da biologia, não é uma ramificação da mesma. Enquanto a ecologia estuda a relação do ser humano com o ambiente, ainda que inclua aspectos sociais, econômicos e psicológicos, a ecologia humana transcende este conceito na medida em que busca compreender o comportamento humano para além da variável ambiental⁶.

O conceito de ecologia humana⁷ tem recebido aportes de diferentes áreas do conhecimento, como Antropologia, Geografia, Sociologia e Psicologia, razão pela qual tem percorrido caminhos com distintos enfoques.

Ecologia é uma expressão que também é utilizada por Leonardo Boff para falar das diferentes dimensões da vida humana que a perspectiva ecológica deveria contemplar. Nesse sentido, Boff destaca quatro ecologias, a saber: a ecologia ambiental, social, mental e integral⁸.

Neste estudo, ecologia humana é entendida em sentido amplo, dizendo respeito à relação dos seres humanos com seres humanos, mas também a relação dos humanos com a natureza.

O presente texto tem como matriz a perícopos de Gênesis 11,1-9. O estudo tematiza a interpretação do texto em diferentes tradições religiosas. A partir de elementos exegéticos do texto bíblico, propõe uma leitura da narrativa na perspectiva de uma ecologia humana.

5. O contexto de surgimento da expressão, historicamente, emergiu entre os sociólogos da Escola de Chicago, na década de 1920, os quais se inspiraram em conceitos ecológicos da época, como de sucessão ecológica. BEGOSSI, A. *Ecologia Humana: um enfoque das relações homem – ambiente*. Interciência, v. 18, n. 3, 1993, p. 121ss. Disponível em: <http://www.interciencia.org/v18_03/art01/>. Acesso em 14.02.2013.

6. Ecologia é relação, interação e dialogação de todas as coisas existentes (viveres ou não) entre si e com tudo o que existe, real ou potencial. A ecologia não tem a ver apenas com a natureza (ecologia natural), mas principalmente com a sociedade e a cultura (ecologia humana, social etc.). Numa visão ecológica, tudo o que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste através de uma teia infinita de relações onicompreensivas. Nada existe fora de relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos.

7. Outras compreensões de ecologia humana são possíveis. “A Ecologia Humana estuda o processo de competição e as relações que dele provenham tal como essas se revelam por índices físicos, principalmente os de espaço”. BEGOSSI, 1993, p. 121ss.

8. Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. 3.ed., São Paulo, Editora Ática, 1999. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>>. Acesso em 14.02.2013.

1. A interpretação

A narrativa bíblica de Gênesis 11,1-9 tem uma longa história de interpretação. Ao contrário do que possa parecer, a interpretação da história da torre de Babel não é exclusividade dos cristãos. Muito antes dos cristãos, os judeus já leram e releeram esta passagem. Também depois do surgimento do cristianismo, o relato continuou tendo reinterpretações nas mais diferentes tradições religiosas.

1.1 Tradição judaica

O texto transmitido pela Bíblia Hebraica recebe diferentes interpretações na história do judaísmo. O relato do livro de Gênesis não deixa claro que Deus destruiu a torre diretamente. Porém, a tradição judaica atesta que a torre foi derubada por Deus com um grande vento⁹.

Um dos relatos mais detalhados sobre a torre de Babel pode ser encontrado no apócrifo *Livro dos Jubileus*. Presente em diferentes círculos do judaísmo entre 200 aC e 90 dC.

E eles começaram a construir, e na quarta semana fizeram tijolos com fogo, e os tijolos serviram-lhes para pedra, e o barro com que os cimentaram junto era asfalto que vem do mar, e das fontes de água na terra de Sinar. E eles construíram-no; a sua largura era de 203 tijolos, e a altura [de um tijolo] era o terço de um; a sua altura era de 5433 cúbitos e 2 palmos, e [a extensão de uma parede era] treze estádios [e da outra trinta estádios]. (Jubileus 10:20-21, tradução de Charles em 1913)¹⁰.

Outro relato apócrifo que trata da história da torre pode ser encontrado no *Apocalipse de Baruc*, também conhecido nas versões gregas e eslavas como *Terceiro Livro de Baruc* (3 Baruc). Neste escrito da tradição judaica há uma alusão à torre. Numa visão, Baruc é levado a ver o local de repouso das almas “daqueles que construíram a torre da discórdia contra Deus, e o Senhor baniu-os”.

Aqueles que deram a sugestão de construir a torre, por aqueles que vós visteis conduzirem multidões de ambos, homens e mulheres, a fazerem tijolos; entre quem, uma mulher que fazia tijolos não era autorizada a ser libertada na hora do parto, mas trazida à frente enquanto estava a fazer tijolos, e carregava o seu filho no seu avental, e continuava a fazer tijolos. E o Senhor apareceu-lhes e confundiu a sua fala, quando eles tinham construído a torre à altura de quatrocentos e sessenta e três cúbitos. E eles pegaram numa

9. O Livro dos Jubileus, em Cornelius Alexandre (frag. 10), Abydenus (frags. 5 and 6), Flávio Josefo (Antiguidades Judaicas 1.4.3), e os Oráculos Sibilinos (iii. 117-129). Cf. *A Torre de Babel*. Disponível em: <http://www.espiritualismo.info/passagens_da_biblia.htm>. Acesso em: 06.02.2013.

10. Um estádio equivale a 185,4 metros e um cúbito a pouco mais meio metro.

broca, e procuraram perfurar os céus, dizendo: Vejamos se o céu é feito de barro, ou de latão, ou de ferro. Quando Deus viu isto Ele não os permitiu, e castigou-os com cegueira e confusão da fala, e tornou-os no que vistes. (Apocalipse grego de Baruc, 3:5-8)¹¹.

A Literatura Rabínica contém relatos onde a razão para construção da Torre de Babel e as intenções dos construtores são diferentes da versão da Bíblia Judaica. Na *Mishná* a causa da construção é uma rebelião contra Deus. Em alguns *midrash* os construtores da torre são chamados de “a geração da secessão”. Em outra fonte judaica se diz:

“Deus não tem o direito de escolher o mundo superior para Si próprio, e de deixar o mundo inferior para nós; por isso iremos construir uma torre, com um ídolo no topo segurando uma espada, para que pareça como se pretendesse guerrear com Deus” (Gen. R. xxxviii. 7; Tan., ed. Buber, Noah, xxvii. et seq.)¹².

Segundo Josefo¹³ foi principalmente Nemrod quem persuadiu os seus contemporâneos a construir a Torre. Já outras fontes rabínicas, afirmam, pelo contrário, que Nemrod estava separado dos construtores¹⁴.

1.2 Tradição cristã

A tradição cristã é herdeira da tradição de interpretação do Judaísmo. Ainda assim confere uma interpretação própria ao relato de Gênesis.

De modo geral, a tradição cristã interpreta o relato destacando suas lições e metáforas espirituais. Nesse sentido, os construtores podem ser identificados como modelo de pessoas justas aos seus próprios olhos, que vivem de obras.

A história de Babel também é comparada com a história da própria Igreja. Começa com a *unidade* (Gn 11,1//At 4,32-33), segue com a *ambição* (Gn 11,3-4// história da Igreja construída com meios mundanos e que culmina no papado) e a *confusão da linguagem* (Gn 11,7, visível no protestantismo e suas divisões)¹⁵.

11. *Apocalipse de Baruch*. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/evangelhos-ap%C3%B3crifos-apocalipse-de-baruch-doc-d420377558>>. Acesso em 14.02.2013.

12. Cf. *A Torre de Babel*. Disponível em: <http://www.espiritualismo.info/passagens_da_biblia.htm>. Acesso em: 06.02.2013.

13. JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. São Paulo: Editora das Américas, 1959-1965, v. 1, p. 28.

14. TALMUD. Sanhedrin; WEISS, Abraham J. *El Talmud de Babilonia. Tratado Sanedrín*. Buenos Aires: Acervo Cultural, 1968, p. 109.

15. CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Can-deia, 2000, v. 1, p. 96.

Outras interpretações ainda apontam para a ambição humana e o desejo de ocupar o lugar de Deus. Também há uma distinção entre a busca das alturas pela via material, quando na verdade Deus deveria ser buscado pela via espiritual.

Por fim, não faltam estudos que relacionam Babel com o dia de Pentecostes. Nesta interpretação, Babel é o lugar da confusão e da dispersão. Pentecostes, por sua vez, é o lugar onde, não obstante as línguas diferentes, todos se entendem pela ação do Espírito Santo. Onde prevalece a desunião, segue-se a destruição. Mas o Pentecostes desfaz a confusão de Babel (Ap 7,9).

No comentário ao Gênesis, Agostinho não chega a analisar o relato de Gn 11. No entanto, há uma compreensão generalizada no seio cristão, intensificada pela noção de pecado original, de que a história da torre de Babel tem como pano de fundo a maldade humana¹⁶.

Em toda história da interpretação cristã predominou a compreensão fundamentada no pecado e maldade humana castigados com a destruição. Esta linha de interpretação perpassa a leitura de reformadores e de diferentes confissões cristãs.

1.3 Tradição islâmica

Embora a tradição islâmica não mencione a torre de Babel pelo nome, o Alcorão tem uma história muito parecida com a história da Torre de Babel bíblica. A primeira alusão pode ser encontrada na Sura 2:102. Ali é mencionado o nome “Babil”. Esta história acerca de Babil é descrita com mais detalhes nos escritos islâmicos de *Yaqut* (i,448 f.) e de *Lisan el-'Arab* (xiii. 72). Nestes relatos não há menção à torre. Apenas é contado que os povos foram varridos por ventos fortes até uma planície chamada “Babil”. Neste local Alá separou os povos em línguas e depois os espalhou¹⁷.

Em outra passagem do Alcorão a história está localizada no Egito e Moisés faz parte do relato. Na Sura 28:38 e 40:36-37 o Faraó pede a Haman para lhe construir uma torre de barro. Pela torre o faraó quer subir ao céu e questionar o Deus de Moisés.

[28:38] o Faraó disse, “O você os anciões, eu não conheci de qualquer deus por você diferente de mim. Então, incendeie o adobe, O Haman para cons-

16. AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis*. São Paulo: Paulus, 2005. M. Cimososa chega inclusive a denominar a períclope de “o pecado original social”, uma clara alusão ao conceito de pecado em Agostinho. CIMOSA, Mário. *Gênesis 1-11: a humanidade na sua origem*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 62.

17. Na *História dos Profetas e Reis* pelo historiador muçulmano Tabari do século XIX, é dada uma versão mais completa: Nimrod faz a torre ser construída em Babil, Alá destrói-a, e a língua da humanidade, previamente o Siríaco, é então confundida em 72 línguas. Abu al-Fida, outro historiador muçulmano do século XIII, relata a mesma história, adicionando que o patriarca Héber (um antepassado de Abraão) tinha sido autorizado a manter a língua original, neste caso o Hebraico, porque ele não participava na construção. Cf. *A Torre de Babel*. Disponível em: <http://www.espiritualismo.info/passagens_da_biblia.htm>. Acesso em: 06.02.2013.

truir uma torre, que eu posso dar uma olhada no deus de Moses. Eu estou seguro que ele é um mentiroso”. [40:36] o Faraó disse, “O Haman, construa para mim uma torre alta que eu posso alcançar fora e descobrir”. [40:37] “eu quero alcançar o céu e dou uma olhada no deus de Moses. Eu acredito que ele é um mentiroso.” Assim era os trabalhos ms de Faraó adornados nos olhos dele e assim era ele manteve de caminho seguinte (o direito). Faraó está planejando era verdadeiramente mal¹⁸.

Depois de lançar um olhar sobre a interpretação da história da torre de Babel em diferentes tradições religiosas, o próximo passo será analisar a perícopes por meio de uma aproximação exegética.

2. Gênesis 11,1-9

A última história narrada na “Pré-História” ou “História das Origens” ou “História Primitiva” do livro de Gênesis é a história da torre de Babel. A narrativa dos primeiros onze capítulos do livro de Gênesis desemboca nesta perícopes¹⁹.

2.1 O texto

1 A terra inteira tinha uma só língua e usava as mesmas palavras.

2 Ao migrarem do Oriente, os homens acharam uma planície na terra de Senaar, e *ali* se estabeleceram.

3 Disseram uns aos outros: “Vamos fazer tijolos e cozê-los ao fogo”. Utilizaram tijolos como pedras e betume como argamassa.

4 E disseram: “Vamos construir para nós uma cidade e uma torre que chegue até o céu. Assim nos faremos um nome. Do contrário, seremos dispersados por toda a superfície da terra”.

5 Então o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo.

6 E o Senhor disse: “Eles formam um só povo e todos falam a mesma língua. Isto é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nada os impedirá de fazer o que se propuserem.

7 Vamos descer *ali* e confundir a língua deles, de modo que não se entendam uns aos outros”.

18. ALCORÃO; HAYEK, Samir el. *Alcorão Sagrado*. 3. ed. São Paulo: Tangará – Expansão Editorial, 1979, p. 208.

19. RAD, Gerhard von. *Estudios sobre el Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1976, p. 184.

8 E o Senhor os dispersou *daquele lugar* por toda a superfície da terra, e eles pararam de construir a cidade.

9 Por isso a cidade recebeu o nome de Babel, Confusão, porque foi *lá* que o Senhor confundiu a linguagem de todo mundo, e *de lá* dispersou os seres humanos por toda a terra²⁰.

Aparentemente o texto parece retomar o tema da formação dos povos e da multiplicação de línguas já tratado no capítulo anterior (10,1-32). Nesse sentido, o texto parece ignorar as migrações e a diversidade de línguas, bem como as cidades já construídas (10,11-12)²¹.

No entanto, um olhar mais apurado permite constatar o que afirma Croatto quando diz: “el relato de Génesis 11:1-9 no tiene *nada* que enseñarnos sobre la génesis de las lenguas humanas”²².

2.2 Aspectos literários

2.2.1 Delimitação

Gn 11,12-9 está inserido no contexto dos primeiros 11 capítulos do livro de Gênesis. Neste conjunto de capítulos a temática gira em torno dos primórdios da humanidade. Embora a passagem esteja relacionada com a história de Nemrod (10,8), Gn 11,1 apresenta várias rupturas. Primeiro, a narração toma o lugar do discurso genealógico predominante no capítulo 10. Segundo, a temática predominante passa a girar em torno da Torre de Babel. Terceiro, a terminologia retoma a linguagem dos capítulos 3-4 do livro.

2.2.2 Contexto menor

O capítulo 11 de Gênesis fecha o livro dos primórdios. Três unidades maiores podem ser identificadas neste capítulo: Gn 11,1-9 trata da Torre de Babel; Gn 11,10-26 fala dos filhos de Sem; Gn 11,27-32 narra a migração de Terá. Portanto, Gn 11,1-9 é uma das três perícopes que compõem o capítulo. É precedido pela genealogia de Jectã (10,26-31) e uma conclusão geral (10,32), e seguido pelo texto que trata dos filhos de Sem (11,10-26).

20. BÍBLIA. Português. CNBB. 2001. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*: tradução da CNBB com introduções e notas. São Paulo, SP: Ave Maria, 2001, p. 26.

21. CROATTO, 1997, p. 353.

22. Croatto chama atenção para o fato que o texto hebraico não utiliza a palavra *lašôn*, que significa idioma ou língua. CROATTO, 1997, p. 386.

2.2.3 Contexto maior

O texto está inserido no conjunto que se estende de Gênesis 1 a 11. O capítulo 12 do livro segue com a narrativa dos patriarcas e matriarcas. O contexto dos primeiros capítulos do livro de Gênesis apresenta uma estrutura onde os capítulos centrais de 6–9 estão emoldurados por dois relatos de genealogias (5 e 10). Gn 2,4b–3,24; 4 estão em relação simétrica e temática com Gn 11,1-9. Trata de histórias de culpa e castigo. A unidade de Gn 1,1–2,4a está relacionada com Gn 11,10-26 pelo tema da genealogia, primeiro dos céus e da terra, depois dos filhos de Noé²³.

1,1–2,4a	2,4b–3,24; 4	5	6–9	10	11,1-9	11,10-26
----------	--------------	---	-----	----	--------	----------

2.2.4 Estrutura

O texto em hebraico apresenta uma estrutura onde as diferentes partes estão relacionadas de forma sintática e semântica. O autor utiliza “recursos estilísticos fonéticos y lexicais para marcar algunas ideas”²⁴. A palavra “ali” (*šam*) está relacionada com o substantivo “nome” (*šem*). Combinada com a palavra “nome”, a partícula “ali” produz um efeito de sentido que reforça o significado do nome da cidade, a saber: confusão²⁵.

Outro aspecto que chama atenção diz respeito à relação de oposição entre a unicidade e a diversidade relacionadas com a linguagem. No v. 1 fala “uma só língua e usava as mesmas palavras”. No v. 4 diz: “seremos dispersados por toda a superfície da terra”. No v. 6 e 7 retoma o tema da unicidade da língua: “a mesma língua”, “confundir a língua deles, de modo que não se entendam uns aos outros”. No v. 8 fala novamente da dispersão: “E o Senhor os dispersou”. No final, língua e dispersão aparecem no mesmo versículo: “Senhor confundiu a linguagem de todo mundo, e *de lá* dispersou os seres humanos por toda a terra” (v. 9)²⁶.

A partir do conteúdo, os versículos podem ser assim estruturados:

- v. 1-2 unidade de linguagem e *habitat*
- v. 3-4 o projeto da humanidade
- v. 5 a aparição de Javé

23. SCHWANTES, Milton. . *Sofrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2007, p. 39.

24. CROATTO, 1997, p. 355.

25. CROATTO, 1997, p. 356.

26. CROATTO, 1997, p. 358.

v. 6-7 o projeto de Javé

v. 8 dispersão

v. 9 o nome Babilônia.

Tomando por base a arquitetura do texto hebraico, Severino Croatto propõe a seguinte estruturação²⁷.

A | a – toda a terra **(a)** uma língua **(b)** – v. 1
 A | b – terra de *sin'ar* **(a)** se estabeleceram **(b)** ali **(g)** – v. 2

B projeto de construção: cidade e torre –v. 3-4^a

C | a – para não dispersar – v. 3-4a
 C | b – sobre a superfície de toda terra – v. 4b

D desceu para ver a construção – v. 5

X | este é apenas o começo de seus empreendimentos – v. 6a
 X | agora, Agora, nada os impedirá de fazer o que se propuserem – v. 6b

D' vamos descer *ali* e confundir a língua deles – v. 7

C' | a – os dispersou *daquele lugar* – v. 8aa
 C' | b – por toda a superfície da terra – v. 8ab

B' e eles pararam de construir a cidade – v. 8b

A' | a – confundiu a linguagem **(b')** de todo mundo **(a')** – v. 9a
 A' | b – *de lá* dispersou **(b')** os seres humanos por toda a terra **(a')** – v.9b

27. CROATTO, 1997, p. 385.

Como bem destacam os estudiosos²⁸, a perícopes de Gn 11,1-9 apresenta uma estrutura simétrica muito bem-elaborada. Trata-se de um texto redigido com muito cuidado, onde as repetições jogam um papel importante para a comunicação das ideias presentes no texto²⁹.

2.3 Comentário

2.3.1 v. 1-2

O texto começa com a expressão exagerada: “a terra inteira” ou “em toda a terra”. Aqui o texto não está se referindo a todo planeta hoje conhecido, mas à parte conhecida da terra habitada naquele tempo. Do ponto de vista simbólico, contudo, o relato chama atenção, por um lado, para a totalidade. Por outro, para a singularidade ou exclusividade de uma única língua falada.

A palavra hebraica para língua é *sapah*. Ela aparece novamente nos versículos 5, 7, 8 e 9. Mais do que língua, a palavra significa a linguagem concreta, a comunicação e não somente de um idioma. Assim Croatto levanta a hipótese da palavra se referir à unidade organizacional, unidade social, do trabalho³⁰.

Os três verbos do v. 2 sinalizam para as ações. O horizonte espacial do versículo é demarcado com a informação de que os migrantes vindos do Oriente se instalaram nas planícies. O sujeito dos versos é um “eles” vago e impreciso.

Quem são estes “eles” que “migram” do “Oriente?” O texto tem interesse em marcar o “oriente” como região que dá origem aos acontecimentos. Sob a perspectiva dos pontos cardeais, “oriente” equivale a “*Sin'ar*” (10,30). Se a migração vem do oriente então seria plausível dizer, em termos gerais, que se trata de alguma região onde hoje está situado o Irã.

A expressão terra de *Sin'ar* é mencionada em Gn 10,10, ao lado de cidades famosas como Babel, Assur e Nínive. Ainda que sob uma forma não convencional e sem maiores detalhes, possivelmente, o autor esteja se referindo a Babilônia.

2.3.2 v. 3-4

O sujeito da frase continua o mesmo: “eles”. Em forma de diálogo é apresentado um discurso onde aparentemente seres humanos se entendem mutuamente a ponto de elaborar um projeto comum. A dimensão econômica do projeto fica clara ao falar da fabricação de tijolos cozidos.

28. RAD, 1976, p. 178ss.; CROATTO, 1997, p. 385. SCHWANTES, 2007, p. 63.

29. Acerca dos portadores desta memória e das discussões em torno do surgimento do escrito ver SCHWANTES, 2007, p. 64-66; MESTERS, Carlos. *Curso Bíblico 1*. São Leopoldo, CEBI, 1995, p. 24.

30. CROATTO, 1997, p. 360.

O relato parte do princípio de que há consenso na execução da construção. Croatto³¹ chama a atenção para o fato que no horizonte cultural de Canaã ou Israel se constrói com pedras e argamassa. É na Mesopotâmia, onde madeira e pedras são escassas, que a construção necessita de tijolos, seja cozidos ou crus³². Por isso, o v. 3b não é parte do relato, mas informação cultural adicional.

O v. 4 continua com outro discurso tendo “eles” novamente como sujeito da frase. O verbo volitivo inicial “vamos”, na primeira pessoa do plural, aponta para um duplo propósito: construir uma cidade e uma torre. Não se trata de uma primeira construção, tema este já desenvolvido (4,17; 10,11-12). O versículo simplesmente fala da construção, não de casas, mas de uma cidade e uma torre³³.

A torre certamente se refere ao zigurate, recurso indispensável nas grandes cidades da Mesopotâmia para designar o setor fortificado, a sede do aparato administrativo e religioso. “Ciudad y torre – es importante destacarlo – tienen como referente principal a los Dioses (sobre todo el Dios tutelar de la ciudad) y al rey”³⁴.

A terminologia hebraica usada para falar da torre remete a *migdal*, de *gadol*, que significa “grande/forte”. Porém, o sentido da palavra não está na etimologia, mas na descrição da torre, a saber: “uma torre que chegue até o céu” (v.4aa). A expressão não denuncia uma invasão do céu como é destacado por alguns textos rabínicos³⁵. Apenas expressa a função do zigurate, tal como o próprio nome sugere. O nome do zigurate da Babilônia, por exemplo, é *é-temen-an-ki*, ou seja, “*casa do fundamento do céu e da terra*”³⁶.

Além da construção de uma cidade e nela uma torre, o v. 4 ainda destaca um segundo propósito, a saber: “fazer um nome”. Assim como no “vamos” do v. 3, também aqui a dimensão volitiva coletiva fica sublinhada. As construções estão a serviço do nome. A capacidade de edificar uma cidade e uma torre confere poder suficiente para instaurar uma nova ordem econômica e social.

Chama a atenção que o verbo fazer, empregado com relação ao nome, não havia sido empregado para falar da fabricação de tijolos, nem para tratar da edificação da cidade ou da torre. Neste aspecto, o verbo destaca o fazer do nome.

31. CROATTO, 1997, p. 362.

32. CROATTO, 1997, p. 362.

33. CROATTO, 1997, p. 363.

34. CROATTO, 1997, p. 363.

35. CROATTO, 1997, p. 364.

36. CROATTO, 1997, p. 364. Sobre as dimensões ver p. 364. Zigurate se encontra na montanha. O valor simbólico remete à altura, lugar da morada dos deuses.

O motivo do nome já havia sido mencionado em Gn 6,4. “La relación del nombre con la fama, el prestigio, la inmortalidad, está claramente documentada em los textos sumerios y acádicos de Mesopotamia”³⁷. A Bíblia Hebraica também chama a atenção para a relevância do motivo da “fabricação do nome”. Em Isaías 63,14 a comunidade se dirige a Javé como quem tem um nome de resplendor.

Aparentemente a fama é a consequência natural das grandes obras arquitetônicas. No entanto, o texto de Gênesis parece supor que a grandeza está mais na presença duradoura das construções. A própria identidade do construtor fica gravada na construção. Em suma, ao edificar uma construção o construtor edifica um nome.

O v. 4b, contudo, acrescenta mais uma particularidade: a finalidade da construção e do nome feito. Construção e nome visam evitar a “dispersão por toda a superfície da terra”. Novamente o elemento da totalidade é chamado à cena.

Num primeiro momento, o texto parece sugerir que a dispersão não é algo desejável. A dispersão contrasta com a fixação num lugar que tem a cidade como referência. Cidade, torre e nome sugerem um bem coletivo que não pode ser perdido. Aqui o v. 1 é retomado com nova significação, ainda que de forma implícita. Graças à linguagem comum o projeto se torna viável e a dispersão é evitada. Aqui fica caracterizada a força política, econômica, social e ideológica do projeto protagonizado pelos humanos, pelos não identificados “eles”.

2.3.3 v. 5

A entrada em cena de Javé no v. 5 marca uma ruptura no relato. Cenário e atores mudam radicalmente. Um novo personagem entra em cena, não sem expressar uma grande ironia. Javé desce para ver as obras humanas. Pelo que o texto sugere, a torre estava longe de alcançar o céu. Na perspectiva de Javé o projeto humano ainda permanece muito aquém do lugar onde Javé se encontra.

O verbo *banu* (“estavam construindo”) no v. 5b dá a entender que a construção já está concluída. Por isso Javé desce para inspecionar a obra humana. Desta forma fica caracterizada a diferença entre o projeto humano e divino. O texto parece sugerir que os humanos não devem se intrometer no âmbito que compete ao divino.

2.3.4 v. 6-7

No v. 6 Javé parece deduzir a unicidade da linguagem a partir da construção edificada. Depois de descer e ver a cidade e a torre, Javé identifica o papel da

37. CROATTO, 1997, p. 367. A edificação de um nome se dá por meio da gravação dos feitos numa tabuinha de argila (*sumam satarum*), por meio da ereção de uma estela ou memorial (*sumam suzuzum*), pela recordação do nome por ocasião da leitura de um texto e pela perpetuação do nome por meio do filho.

linguagem como instrumento de comunicação na consolidação dos projetos humanos. Além disso, Javé percebe a unidade do grupo ao nomeá-lo de povo – ‘*am*. Aqui uma nova relação é estabelecida entre povo e língua. A identidade social e cultural de um povo é forjada pela unidade da linguagem.

Enquanto no v. 6a Javé relata o que constatou na inspeção às obras humanas, por ocasião da descida do céu (v. 5), no v. 6b Javé dimensiona o alcance das iniciativas humanas: “Agora, nada os impedirá de fazer o que se propuserem”³⁸.

A expressão do v. 6b é idêntica à de Jó. Porém, no livro de Jó, é Jó quem, depois de haver constatado, atribui a Javé um poder ilimitado na execução de seus projetos. No v. 6b, no entanto, Javé conclui que o ser humano é capaz de levar a termo os projetos de sua imaginação (*zaman*).

Em que projeto humano Javé está pensando não é dito pelo texto. No entanto, o contexto sugere que se trata de algo aberto e ilimitado. No discurso de Javé as realizações humanas – construção da cidade/torre/nome – são entendidas como um fazer humano. Este fazer aberto parece ser infinito. Se em Gn 3,22 a questão é a onisciência e imortalidade, aqui está em jogo a onipotência, o poder infinito que Jó somente atribui a Javé³⁹.

O texto sugere que algo precisa ser feito. Os humanos, os “eles”, precisam ser impedidos em sua capacidade ilimitada. A interdição aqui se assemelha ao verificado em Gn 3,23-24, quando o acesso dos humanos à árvore da vida é negado.

O v. 7a retoma a mesma retórica do projeto anterior: “Vamos”! Porém, com propósito diferente. Javé quer impedir o “fazer” humano infinito. A novidade do discurso de Javé consiste justamente em atacar o mal pela raiz, acertar o alvo, em *confundir a linguagem*. Ao decidir uma intervenção na linguagem humana, todo fazer humano se torna irrealizável.

A realização do projeto humano somente foi possível graças a “la concentración de todos en un solo lugar (lo que supone la colaboración de todos) y por el uso de un *único* lenguaje para la comunicación, desde la elaboración del proyecto (v. 4) hasta su ejecución (v. 5b com 6a)”⁴⁰.

O v. 7 estabelece uma relação de oposição entre o projeto humano do v. 3a e o projeto de Javé. Croatto chama atenção para os diferentes elementos envolvidos no discurso e sua relação de oposição.

- a relação de reciprocidade da linguagem
- b autoexortação dos humanos v. 3a

38. Em Jó 42,2 esta demonstração de grandeza e poder está reservada a Javé.

39. CROATTO, 1997, p. 374.

40. CROATTO, 1997, p. 375.

b' autoexortação de Javé

a' não reciprocidade da linguagem⁴¹

2.3.5 v. 8

No v. 8 chama a atenção que a confusão da linguagem não gera a dispersão. Para que a dispersão aconteça, novamente se faz necessária a ação de Javé no discurso. Diferente do propósito humano (v. 4), o propósito divino não está narrado no texto. O que Javé pretende não é a dispersão, mas impedir grandes projetos futuros.

Aqui tem lugar uma nova intervenção de Javé. A dispersão não é consequência natural da confusão da linguagem. Se para o projeto humano um só lugar (v. 4b) – questão espacial – é importante, para o projeto de Javé a pluralidade, a dispersão. O impacto da intervenção de Javé é tamanho que a torre desaparece da narrativa. O v. 8b apenas fala do fim da construção da cidade.

2.3.6 v. 9

Do ponto de vista do relato iniciado no v. 2, a perícopes poderia muito bem encontrar seu término no v. 8. O movimento de humanos, que teve início no começo da perícopes, termina com a confusão da linguagem, a dispersão e o fim das possibilidades dos projetos humanos.

No entanto, o texto hebraico continua e o v. 9 começa com um “por isso”. Trata-se de uma fórmula de conclusão etiológica comum em mitos. A expressão parece explicar a razão de ser do nome da cidade que tem Javé como sujeito. O v. 9a informa o que Javé fez. A segunda parte do versículo continua com a interpretação do que Javé fez, a saber: dar um nome.

Ao que parece a passagem de Gn 11,9 tem como paradigma um texto de *Enuma Elis*, onde Marduc é proclamado rei e soberano por outros deuses. Nesse caso, a passagem da Bíblia Hebraica soa como uma afirmação contra-hegemônica à tradição mesopotâmica. Gn 11,1-9 é um contramito. Enquanto no mito mesopotâmico a fundação da Babilônia é obra dos deuses a mando de Marduc, no relato bíblico, os humanos por iniciativa própria constroem uma cidade que recebe o nome de Javé⁴².

O nome histórico da cidade originalmente significa “porta dos deuses”. Ainda que a cidade somente tenha adquirido importância a partir do segundo milênio aC, o mito babilônico sugere que a cidade é tão antiga quanto o próprio cosmos.

41. CROATTO, 1997, p. 377.

42. CROATTO, 1997, p. 380ss.

Como já foi mencionado na introdução, diante deste panorama religioso e cultural, o fato de Javé dar o nome à cidade não deixa de ser irônico. Afinal, a cidade que é expressão do poder e das infinitas possibilidades do humano, agora se torna confusão. Babel⁴³, a “porta dos deuses”, vira “confusão”.

Esta análise do texto, buscando o conteúdo e sentido de cada conjunto que forma a perícope, permite dizer que o texto apresenta muito pouco de castigo ou explicação da origem da linguagem humana. Pelo contrário, o texto é claro em revelar que no discurso dois projetos antagônicos são apresentados. De um lado, o projeto da cidade, torre e não dispersão. De outro, o projeto da confusão e da não dispersão, patrocinado por Javé.

3. Ecologia humana em Babel

A tese de que o texto de Gn 11,1-9 é memória de oposição ao domínio e poder exercido pelas cidades sobre o povo de Israel ao longo da história encontra argumentos bastante consistentes no estudo de Schwantes⁴⁴.

A descrição da cidade, sua contextualização no mundo da planície, bem como os propósitos da cidade, são percebidos no texto sob a ótica das vítimas do poder que se constitui no âmbito da cidade. Planície, cidade e torre são expressões de um mesmo projeto que tem na unidade e coesão o seu pilar de sustentação.

A dimensão ecológica da história da torre de Babel passa justamente pela sustentabilidade. Gn 11,1-9 nos revela um projeto de sociedade humanamente insustentável. O projeto cidadão baseado na construção e no nome é um projeto de morte. É expressão de poder, não de partilha. É um projeto de violência e não de paz. É um projeto de morte e não de vida.

Carlos Mesters atualiza esta dimensão do relato quando diz:

Tudo isso acontece até hoje quando, por exemplo, o Estado todo-poderoso pretende ser o dono da vida do povo, negando-lhe qualquer direito, a não ser o direito que ele, o Estado, lhe dá, como se o Estado fosse um Deus! Acontece também quando um grupo de homens acha que pode dispor da vida dos outros para explorá-la, quando um país decide dominar o outro, ou quando o dono da terra quer ficar com todo o lucro do trabalho do meeiro. Acontece de tantas maneiras! A torre de Babel nunca foi tão grande como hoje⁴⁵.

43. Aqui é preciso lembrar que Babel era a capital do Império babilônico, um centro político, militar, cultural e econômico. Além disso, uma cidade-estado extremamente rica e poderosa, uma das mais destacadas do mundo antigo.

44. SCHWANTES, 2007, p. 64.

45. MESTERS, 1995, p. 24.

Se a ecologia humana passa por relações humanas humanamente sustentáveis, então o projeto Babel de concentração e unicidade cultural da cidade é inviável. Neste projeto é flagrante o propósito do domínio da cidade sobre a planície e seus arredores a partir da torre. A padronização e homogeneização cultural por meio da língua e do poder simplesmente anulam e eliminam a diversidade linguística e a pluralidade cultural.

No propósito de construir a torre, várias dimensões de um mesmo projeto se deixam revelar. Por um lado, o espaço do poder e de sua ambição. O poder aqui está a serviço, mas a serviço de quem está no poder. Não há nenhuma perspectiva participativa nas decisões. Elas emanam do círculo do poder e se concretizam na construção de quem trabalha.

Além disso, a dimensão cultural do processo não parece menos imperialista. Pelo contrário, apresenta todos os contornos de regimes e Estados que se acreditam onipotentes e eternos. Aqui novamente aparecem os idealizadores do projeto como os grandes beneficiados com a unicidade das línguas.

Em muitos sentidos, o projeto da planície não é muito diferente dos projetos globais de nossos dias. O crescente processo de extinção de línguas, a constituição de um processo cada vez mais acelerado de padronização cultural, a mercantilização dos produtos e da vida, em nada deixam a desejar a Babel.

Se, por um lado, a dimensão ecológica do relato de Gn 11,1-9 permite perceber a natureza antiecológica do projeto dos humanos da planície; por outro lado, também permite perceber o projeto em sua dimensão afirmativa. Graças à intervenção de Javé, outra possibilidade se apresenta. Nesse sentido, Gn 11 nos revela o papel desempenhado por uma religião, num contexto histórico concreto, que revela um Deus partidário da liberdade e vida de suas criaturas.

A intervenção de Javé parece fazer ecoar o grito daqueles que em nossos dias insistem em dizer que “um outro mundo é possível”. Ecologia humana está diretamente relacionada com a criação de relações humanas sustentáveis em todos os níveis e âmbitos da vida. Onde a diversidade possa ser preservada, mas onde os projetos humanos também estejam voltados para os valores humanos mais nobres, como justiça, paz e direito.

A leitura de Gn 11 na perspectiva de uma ecologia humana necessariamente leva à reflexão sobre o papel desempenhado pelas cidades na “economia” humana, bem como o lugar do poder, especialmente do poder militar em nossa sociedade global. Sem equacionar estas duas dimensões apontadas pela história da torre de Babel, possivelmente esta civilização não haverá de alcançar a “terra sem males” tanto sonhada.

Conclusão

No início, este artigo procurou chamar a atenção para as diferentes possibilidades de leitura que o texto de Gn 11 permite. Ainda que de forma sucinta, apontou para a interpretação judaica, cristã e islâmica.

Num segundo momento, a atenção esteve voltada para a perícopes do capítulo 11,1-9. A análise permitiu verificar que o texto de Gn 11 elabora um discurso contra-hegemônico. Possivelmente tenham sido os exilados na babilônia que elaboraram esta narrativa com o objetivo de desbancar a sustentação religiosa do domínio e poder babilônico e, ao mesmo tempo, afirmar a soberania de Javé. Ao descer do lugar onde a torre pretendia chegar, Javé revela todo seu poder e denuncia a pequenez do projeto megalomaniaco dos humanos centrado no tripé planície/cidade/torre.

A dimensão ecológica deste relato está justamente no aspecto humano. Embora a dimensão material da torre e sua edificação sejam fundamentais para o projeto da cidade, a intervenção de Javé tem como central a questão humana e sua sustentabilidade.

Ao propor a dispersão e diversidade de línguas como alternativa ao projeto citadino, a ecologia humana presente em Gn 11,1-9 revela todo seu poder de afirmação da vida, da justiça, da diversidade e pluralidade, seja de línguas, seja de espaços geográficos ou de exercício de poder.

Flávio Schmitt

Rua Borges de Medeiros, 418
93030-200 São Leopoldo, RS

Bibliografia

Apocalipse de Baruch. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/evangelhos-ap%C3%B3crifos-apocalipse-de-baruch-doc-d420377558>>. Acesso em 14.02.2013.

AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis*. São Paulo: Paulus, 2005 (Patrística, 21).

ALCORÃO. HAYEK, Samir el. *Alcorão Sagrado*. 3. ed. São Paulo: Tangará – Expansão Editorial, 1979.

A Torre de Babel. Disponível em: <http://www.espiritualismo.info/passagens_da_biblia.htm>. Acesso em: 06.02.2013.

BEGOSSI, A. *Ecologia Humana: um enfoque das relações homem – ambiente*. Interciência, v. 18, n. 3, 1993. Disponível em: <http://www.interciencia.org/v18_03/art01/>. Acesso em 14.02.2013.

BÍBLIA. Português. CNBB. 2001. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia Sagrada*: tradução da CNBB com introduções e notas. São Paulo: Ave Maria, 2001.

- BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- BOFF, Leonardo. *Ética da vida*. Brasília: Letraviva, 1999.
- BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília: Letraviva, 2000.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2000.
- CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11: a humanidade na sua origem*. São Paulo: Paulinas, 1987. (Pequeno comentário bíblico Antigo Testamento).
- CROATTO, José Severino. *Exilio y sobrevivencia: tradiciones contraculturales en el Pentateuco, comentario de Génesis 4:1-12:9*. Buenos Aires: Editorial Lumen, 1997.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Para a vida: livro da Doutrina para as Comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. São Paulo: Editora das Américas, 1959-1965.
- MESTERS, Carlos. *Curso Bíblico 1*. São Leopoldo: CEBI, 1995.
- O livro dos Jubileus*. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/OBeVRjpg/O_Livro_dos_Jubileus_-_traduzi.html>. Acesso em 14.02.2013.
- REIMER, Haroldo. *Gênesis – casa comum: espaço de vida, cuidado e felicidade: Encontros Bíblicos, Gênesis 1 a 11*. São Leopoldo: CEBI, 2007 (A palavra na vida, 233).
- REIMER, Haroldo. *Toda a criação: Bíblia e ecologia*. São Leopoldo: Oikos, 2006.
- SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2007.
- TALMUD. Sanhedrin; WEISS, Abraham J. *El Talmud de Babilonia, Tratado Sanedrín*. Buenos Aires: Acervo Cultural, 1968.
- RAD, Gerhard von. *Estudios sobre el Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1976. (Biblioteca de Estudios Bíblicos 3)
- VRIES, Anne de. *A Bíblia para as crianças*. 3. ed. revisada de acordo com a versão alemã de São Leopoldo: Sinodal, 1994.